

# Espiritismo e Panteísmo

Deolindo Amorim

Em linhas gerais, sem descer a argumentos pormenorizados, é fácil verificar o flagrante desacordo entre Espiritismo e Panteísmo. Basta que se leia, por exemplo, uma objeção de Allan Kardec, objeção simples, sem subtilezas filosóficas, mas inegavelmente muito lógica. Diz Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, no capítulo que se refere às cinco alternativas da humanidade: *Sem a individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina, isto é, o Panteísmo, são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.* São palavras de Allan Kardec. Ora, o Espiritismo afirma que a nossa alma, mesmo depois de desencarnada, não perde a sua individualidade, não deixa de ser ela mesma, não se extingue, não se confunde com outra alma. Sem este princípio, é claro, não seria possível explicar a responsabilidade após a *morte*; segundo o panteísmo, entretanto, a individualidade da alma desaparece com a *morte*, porque ela se funde no Todo universal, na alma comum. Neste caso, se a alma desaparece, deixa de ser individual, porque volta à fonte comum, que é a alma universal, onde fica a lei da responsabilidade? Como é possível, diante disto, admitir que haja sanções após a morte, se desaparece completamente a individualidade da alma? Já se vê que entre o Espiritismo e o Panteísmo há divergência profunda. Dizer, portanto, como se disse há pouco, que o Espiritismo é uma revivescência do Panteísmo oriental, é falsear a realidade ou revelar absoluta falta de conhecimento da doutrina espírita.

Evidentemente não é possível conciliar a doutrina panteísta com a reencarnação. A tese reencarnacionista, que é o fundamento filosófico do Espiritismo, está apoiada em duas premissas inseparáveis: *a preexistência* e *a individualidade* da alma. Para admitir a reencarnação, é indispensável partir destas duas premissas, ou seja, admitir, em primeiro lugar, a existência da alma antes do corpo e, em segundo lugar, admitir a individualidade da alma. Os postulados panteístas, uma vez aceitos, destruiriam esses dois princípios que são o ponto de partida, o alicerce da dialética reencarnacionista. Se, portanto, pela reencarnação, o espírito encarnado é responsável por faltas cometidas em existências anteriores, em "vidas passadas", forçoso é admitir que esse espírito é anterior ao corpo. Se o espírito fosse gerado com o corpo, como quer a escola geracionista, neste caso não se poderia dizer que há falta a resgatar, dívidas a pagar, etc. Ora, se o espírito nasce com o corpo, é claro, é lógico que ele não traz culpa de espécie alguma, não tem responsabilidade nem faltas anteriores. Então, a teoria da reencarnação cairia por terra. Se, porém, colocarmos a questão no terreno reencarnacionista, teremos de aceitar, como premissa básica, a preexistência da alma, isto é, a existência do espírito antes da formação do corpo. Como decorrência disso, vem o princípio da individualidade, que é outro ponto fundamental da reencarnação. Já se vê, portanto, com esses argumentos elementares da Doutrina Espírita, que não é possível confundir Espiritismo com Panteísmo. Qualquer confusão a esse respeito é fruto da ignorância ou da má fé.

Segundo a reencarnação, o princípio da responsabilidade individual não desaparece com a *morte* do corpo, justamente porque, ao reencarnar, cada um de nós continua sendo responsável pelos atos que praticou no passado, na outra existência. Se assim é, não se pode deixar de aceitar a preexistência da alma. Para que o espírito encarnado seja responsável por faltas cometidas antes desta existência, é necessário que ele tenha vivido antes do corpo. A ideia da reencarnação, portanto, está imediatamente associada à ideia de preexistência da alma. Depois disso, é igualmente necessário aceitar a individualidade da alma, porque cada um de nós é responsável por seus atos, ninguém paga pelos outros. Para isso, é necessário que a alma humana seja uma e individual. Se, porém, a alma não é individual, como quer a doutrina panteísta, não há responsabilidade, porque, uma vez morto o corpo, segundo a linguagem comum, a alma deixa de ser uma individualidade e passa a reintegrar-se na alma universal. Toda a tese da responsabilidade individual fica anulada diante dessa solução. Parece-nos que não é necessário mais argumento para demonstrar a diferença meridiana que existe entre Espiritismo e Panteísmo. No entanto, uma nota religiosa, divulgada há pouco, na imprensa desta Capital, declarou que o Espiritismo é a restauração do Panteísmo oriental.

Dissemos que a tese reencarnacionista, tese capital na doutrina espírita, se fundamenta em três princípios *inseparáveis: preexistência, individualidade e responsabilidade* do espírito. Sem esses três princípios, como se sabe, não seria possível compreender a reencarnação. Já se vê, portanto, que a doutrina espírita, por isso mesmo, jamais poderia ser uma variante ou revivescência do panteísmo oriental. Aliás, a doutrina ou filosofia panteísta tem diversos aspectos. Antes mesmo de se conhecer a palavra panteísmo, no século XVIII, já existia a concepção panteísta, em diversos sistemas religiosos e filosóficos da antiguidade. Os pitagóricos, por exemplo, foram chamados de panteístas. O panteísmo indiano, que é a forma mais antiga, era mais metafísico ou transcendental. O panteísmo grego não tomou a direção metafísica do panteísmo hindu, porque se inclinou mais para o naturalismo. O neoplatonismo, como o judaísmo, etc., receberam, em determinados períodos, certa influência das ideias panteístas. No chamado panteísmo medieval, encontramos, sem dúvida, uma feição mais religiosa do que filosófica. É claro que, sob o império espiritual da Escolástica, que foi a orientação dominante na Idade Média, o panteísmo não teria, como não teve, o caráter especulativo do movimento que se desenvolveu na *Renascença*, com Spinoza. O panteísmo spinoziano, sim, ocupou realmente um lugar apreciável no pensamento filosófico do Ocidente.

Esta simples introdução, aliás, muito sumária, tem o objetivo de demonstrar que, através dos tempos, as ideias panteístas não têm sido uniformes, não seguem uma orientação única. Todavia, em tese, o ponto central do panteísmo, esteja ele na Índia primitiva ou na Grécia antiga, esteja na Idade Média ou nos tempos modernos, é a identificação de Deus com o mundo ou da criatura com o Criador. Essa concepção, em filosofia, leva ao chamado princípio da imanência. Que é imanência? É aquilo que pode passar pela experiência e é inseparável do objeto a que se liga. Imanente, portanto, é o oposto a transcendente ou transcendental. Dentro da concepção panteísta, desde que se confunda o Criador com a criatura, ou, para dizer melhor, desde que se confunda Deus com o Mundo, é claro que a ideia de Deus desce da hierarquia transcendental em que ela se acha, para a experiência comum, a experiência dos sentidos. Deus e o mundo se identificam de tal forma, tomam-se tão sensíveis que, afinal de contas, não se distinguem mais. Chegamos, agora, neste ligeiro resumo, ao ponto de diferenciação entre Panteísmo e Espiritismo. Eis o que ensina o Espiritismo, logo no primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos* e no 2º capítulo de *A Gênese*: "Deus, criador de todas as coisas". Ora, nenhuma coisa tem origem em si mesma, nenhum ser existe por si mesmo. Se Deus, como ensina o Espiritismo, é o criador de todas as coisas, é claro, é intuitivo que Ele - Deus - é distinto das coisas por Ele mesmo criadas. Logo, não se pode confundir Deus com o mundo, o criador com a criatura. Poder-se-á dizer, isto sim, que a ação de Deus tem reflexo em toda a sua obra. Isso não é o mesmo que confundir aquele que cria e aquilo que é criado. A causa tem reflexo no efeito, mas não se confunde o efeito com a causa. Quando vemos, por exemplo, um edifício, uma obra construída, podemos dizer que, nesse edifício, nessa obra, através de seu plano de conjunto, através de suas linhas arquitetônicas, está a projeção mental do arquiteto ou do construtor, porque a obra obedece ao traçado que saiu da inteligência do construtor, mas não se vai dizer que o construtor está integrado ou incorporado no edifício. Não. O que está na obra não é o construtor: é o reflexo de sua inteligência, a marca de seu espírito, como se costuma dizer. Quando lemos um livro, dizemos logo: neste livro está o espírito do autor, isto é, a sua inteligência, o seu sentimento, as suas emoções, as suas ideias, o seu retrato psicológico. Não vamos dizer, entretanto, que o autor se confunde com o livro. Não. O autor e o livro se identificam, espiritualmente, mas a verdade é que são duas realidades distintas: o autor do livro é um homem, o livro é um objeto. Quando se rasga uma página do livro, não se vai dizer que se rasgou um pedaço do homem que escreveu o livro. O livro não se formou por si mesmo, o livro é efeito, não é causa. Logo, o livro tem um autor, alguém que o escreveu, que o formou. Se tem um autor, esse autor está separado, forçosamente, do livro, e com ele não se confunde. Com essas comparações um tanto grosseiras ou rudimentares, queremos apenas estabelecer alguma analogia com o mundo em face do Criador. Se o mundo que nós vemos . é efeito, porque não é causa de si mesmo, isto é, o mundo não se criou a si mesmo; o seu Autor, que é Deus, não se confunde com a criação. O que vemos, no mundo, como vemos em nós mesmos, é a projeção de uma inteligência onímoda e onisciente, que é Deus; mas Deus não está dentro das coisas, nem fica no âmago ou no cerne das realidades sensíveis ou materiais. Deus está fora e acima das coisas, porque, se assim não fosse, Ele não seria o Criador, a inteligência suprema e sábia, capaz de ordenar o mundo com as suas leis gerais e imutáveis. Já se vê, portanto, que, entre Espiritismo e Panteísmo, as concepções são muito diferentes e, em determinados pontos, chegam a ser

antagônicas.

Extraído da RIE, partes I e 11, de 15 de **julho** de 1954 e 15 de agosto de 1954, ano XXX, nºs. 6 e 7.

**Fonte:** Revista Internacional de Espiritismo. Matão, SP: O Clarim, Maio de 2010, p. 203-205.